

As borboletas com a asa noturna

Piotr Kilanowski¹

Universidade Federal do Paraná

Recebi o poema do outro lado do mundo em dezembro. Apesar de tudo o que acontece ao redor, a correria e a falta de tempo crônica, ou talvez justo por causa de tudo isso, resolvi que iria traduzi-lo. O poema, efêmero e eterno como as borboletas, sobrevoou o Atlântico nas asas da internet. É ainda inédito, provavelmente seja essa a sua primeira saída do casulo, ou, quiçá, tenha aparecido muito recentemente em alguma revista polonesa. Sua autora, Krystyna Dąbrowska, já teve seus poemas publicados nas revistas *Suplemento Pernambuco*, *Qorpus*, *Lavoura e Belas infieis*. Em breve, ainda neste ano de 2021 poderemos desfrutar de poesias dela publicadas no livro *Agência de viagens* pela editora Âyiné. A autora foi galardoada com vários prêmios, entre eles o mais importante laurel polonês para um livro poético, o Prêmio Wisława Szymborska (2013). Sua poesia, publicada até agora em 4 livros poéticos, foi traduzida para 17 idiomas.

O poema, como disse, ainda inédito “Borboletas” de autoria de Krystyna Dąbrowska nos faz refletir sobre o momento difícil em que vivemos, momento em que estamos nos transformando como borboletas, que tentam seguir seus nossos rumos naturais, apesar da mortandade que assola ao redor, mudando até as tradicionais festas dos mortos. A borboleta, o símbolo universal da metamorfose, provavelmente por isso unida com a festa mexicana dos mortos, aparece na máscara. Essa mesma máscara que já marca a transformação do nosso cotidiano. Podemos dizer que de várias maneiras a pandemia fez com que fosse cada vez mais difícil vermos os sorrisos dos outros. Eles ficam sumidos nos casulos das máscaras, na tensão ao redor, no medo que passou a nos acompanhar cotidianamente. Mas dos casulos um dia sairão borboletas. Pode ser que sejam completamente diferentes das monarcas, talvez serão sorrisos amarelos e não alaranjados, quiçá serão encobertos pelas asas noturnas. A monarca na máscara mostra a nossa metamorfose, a metamorfose que fez a máscara reinar como verdadeiro monarca. Escondemo-nos em casulos das máscaras, em casulos das nossas casas, em casulos dos

¹ Tradutor e professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná. E-mail: emaildopiotr@gmail.com.

sonhos sobre um país melhor. Mas a ordem da natureza, a seu tempo, vai, com a mesma certeza com que as monarcas encontram seus rumos, trazer as borboletas de dentro dos casulos.

“Há cada vez mais mortos, / mas não se lhes pode devidamente iluminar / o longo caminho do além-mundo para os parentes vivos / com a trilha de pétalas alaranjadas.” Até os rituais dos enterros dos mortos da Covid-19 em nada lembram as despedidas tradicionais. As despedidas inacessíveis a familiares, num regime de severas limitações, ou as sepulturas quase anônimas e em massa. Muda até o direito dos mortos à memória, são tantos que não conseguimos dar a todos o devido ritual. E o número deles ultrapassa a nossa capacidade de imaginar. Tornam-se um número cada vez mais abstrato, cada vez mais distante, cada vez mais inimaginável. Perdemos o parâmetro para a imaginação – nunca vimos tantas pessoas ao mesmo tempo. E os números encobrem os dramas individuais com a fina camada de incapacidade de sentir junto com todos eles, fina camada de indiferença autoprotetora. Será possível iluminar o longo caminho do além-mundo para que possam permanecer na nossa memória se nem a imaginação consegue abarcar o desastre?

Junto a pandemia da Covid-19 e a pandemia da indiferença que é inevitável diante do desastre desenvolve-se uma outra pandemia. A do medo. O nosso medo cotidiano pelos nossos entes queridos, medo constante do contágio, medo do futuro. Que mundo sairá da pandemia? E será que sairá? E quem seremos nós depois das experiências de reclusão, de isolamento, de exposição? Como serão as borboletas que sairão do casulo da pandemia?

Resta a pergunta se nós também sairemos rumo à normalidade, como a borboleta do poema, com as nossas novas asas noturnas ou se as asas noturnas farão sombra sobre nós, levando-nos a voos para as normalidades mais sombrias. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. E, no entanto, o movimento eterno das borboletas, da natureza que segue seus rumos confirma a velha verdade da vida que é metamorfose: nada mudou, tudo será diferente. Foi apenas nosso apego à nossa realidade, nossa tentativa de denominar o incontrolável e indômito, de controlá-lo que ruiu e precisará de novas construções. E estas serão como sempre tão sólidas e tão imutáveis como a casa construída na areia.

As nossas asas noturnas recém transplantadas, as asas de borboletas de outra espécie, no início poderão pesar. Poderão nos fazer parecer mortos como à borboleta do poema, mas em algum momento, o mais inesperado, nos levarão adiante, nos farão levantar outros voos. E seguiremos pelo velho caminho, adaptados. E nos pareceremos

nos nossos olhos iguais àqueles que sempre fomos, esquecendo e incorporando as nossas asas noturnas já visíveis apenas para quem estiver olhando do lado de fora.

<p>Motyle – Krystyna Dąbrowska</p> <p>*</p> <p>Przyjaciele przywieźli mi z Meksyku maseczkę haftowaną w motyle. Po skrzydłach wyszytych pomarańczową nitką poznałam, że to monarchy. Monarchy, które rok w rok pod koniec lata wyruszają znad Wielkich Jezior na południe i lecą na czuja, według tajnego kompasu tysiące kilometrów do meksykańskich lasów. Tak jak niektórzy z nas podejmują na czuja wariacką wędrówkę, czy cieleśnie, czy w duszy, choć niekoniecznie znad Wielkich Jezior, częściej znad mętnej kałuży. I niekoniecznie wiedząc, dokąd, rozumiejąc jedynie, że będzie coraz chłodniej; trzeba przechytryć zimę.</p> <p>*</p> <p>– Może to przypadek, że migrujące motyle zjawiają się w Meksyku akurat na Święto Zmarłych – mówi Will Smith w filmiku o monarchach – ale dzieje się to od tak dawna, że stało się częścią kultury.</p> <p>Widziałam je w zeszłym roku, przyfruwały nad ofrendy: ołtarze dla zmarłych pełne owoców i napitków, i placków z kukurydzy, i kwiatów cempasúchil pomarańczowych jak ich skrzydła.</p>	<p>Borboletas – Krystyna Dąbrowska</p> <p>*</p> <p>Amigos me trouxeram do México uma máscara bordada com borboletas. Pelas asas ornamentadas com fio laranja, reconheci que eram monarcas. As monarcas que ano após ano, no fim do verão, partem da região dos Grandes Lagos para o Sul e voam na intuição, seguindo a bússola oculta, milhares de quilômetros até as florestas mexicanas. Assim como alguns de nós, seguindo a intuição, iniciam uma viagem louca, seja no corpo, seja na alma, embora não necessariamente da região dos Grandes Lagos, mais frequentemente da região da poça turva. E não necessariamente sabendo para onde, entendendo apenas que ficará cada vez mais frio e é preciso ser mais esperto que o inverno.</p> <p>*</p> <p>- Talvez seja acaso que as borboletas migrantes apareçam no México precisamente no Dia dos Mortos – fala Will Smith no filme sobre as monarcas – mas isso acontece há tanto tempo que se tornou parte da cultura.</p> <p>Eu as vi no ano passado, vinham voando sobre as <i>ofrendas</i>: os altares para os mortos, cheios de frutas e bebidas, e bolinhos de milho e flores de cempasúchil, alaranjadas como suas asas.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Piły nektar z tych kwiatów splecionych w wianki, tworzących płomienne otoki wokół twarzy dziewczynek i kobiet w trupich makijażach (trochę trupich, a trochę kocich). Migały w wirze ulicznych tańców, wśród mężczyzn przebranych za kobiety i na odwrót, wśród dzieci przebranych za dorosłych i na odwrót, wśród żywych przebranych za zmarłych w dzikim karnawałowym na odwrót, na odwrót.</p> <p>*</p> <p>W tym roku Święto Zmarłych ma podcięte skrzydła. Zakazano parad, festynów, ulicznych spektakli i tańców.</p> <p>Ale monarchy, azteccy tancerze słońca, przylatują.</p> <p>Cmentarze zamknięte; rodziny nie czuwają przy świeżych grobach i nie wynajmuje się muzyków, żeby przygrywali na marimbie.</p> <p>Tylko motyle cicho przylatują.</p> <p>Bliscy ofiar pandemii mogą wysłuchać online panmodlitwy za każdego i nikogo.</p> <p>A motyle jak co jesień przylatują.</p> <p>*</p> <p>Nie mogłabym w tym roku wejść na prywatne podwórko, poprowadzona ścieżką z płatków cempasúchiles, zobaczyć rozpartych w fotelach dwóch kukieł, podobizn zmarłych krewnych: ubranych w dresy, które nosili za życia, z portretowymi zdjęciami w miejscu</p>	<p>Bebiam néctar daquelas flores trançadas em grinaldas, que criavam auréolas flamejantes em torno dos rostos das meninas e mulheres com maquiagens cadavéricas (um pouco cadavéricas, um pouco felinas). Passavam rapidamente no redemoinho das danças na rua, entre homens fantasiados de mulheres e, ao contrário, entre crianças fantasiadas de adultos no frenético e carnavalesco ao contrário, ao contrário.</p> <p>*</p> <p>Este ano o Dia dos Mortos tem as asas cortadas. Proibiram as paradas, festas, espetáculos de rua e danças.</p> <p>Mas as monarcas, as dançarinas astecas do sol, vêm voando.</p> <p>Os cemitérios fechados; as famílias não fazem vigília perto dos túmulos recentes e não alugam músicos para que toquem marimba.</p> <p>Só as borboletas vêm voando em silêncio.</p> <p>Os parentes das vítimas da pandemia podem escutar online as panorações por todos e por ninguém.</p> <p>E as borboletas vêm voando, como em cada outono.</p> <p>*</p> <p>Este ano eu não poderia entrar no quintal de uma casa, guiada pela trilha de pétalas de cempasúchiles, e ver dois bonecos refestelados nas poltronas, as figuras dos parentes mortos: vestidos com os moletons que usavam em vida,</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>twarzy; przed nimi stół, przekąski, bateria flaszek. I nie dostałabym na odchodne od żałobników świętujących przy sąsiednim stole woreczka pomarańczy, trzciny cukrowej i jabłek.</p>	<p>com as fotos de retrato no lugar dos rostos; à sua frente a mesa, petiscos, um monte de garrafas. E, ao sair, não receberia dos enlutados que festejavam à mesa vizinha um saquinho de laranjas, cana de açúcar e maçãs.</p>
<p>*</p> <p>Do wioski Huaquechula przyjechaliśmy po zmroku. W ciemnych zaułkach świeciły się tylko otwarte drzwi domów z ofrendami. Każdy mógł wejść, obejrzeć, posłuchać historii o ludziach, których ona, ta beznosa, zabrała w minionym roku. Jak piekarkę, ponoć najlepszą w okolicy. Na ofrendzie dla niej oprócz bułek, ciastek i precli białych od lukru, w kształcie czaszek, była miniatura ceglanego pieca z łopatą do przenoszenia bochenków. Bliscy piekarki częstowali gości gorącą czekoladą i słodkim chlebem zmarłych, upieczonym według jej przepisu.</p>	<p>*</p> <p>Chegamos à aldeia de Huaquechula depois do anoitecer. Os becos escuros eram iluminados apenas pelas portas abertas das casas com <i>ofrendas</i>. Cada um podia entrar, ver e escutar histórias sobre as pessoas, que ela, a sem-nariz, levou no ano passado. Como a padeira, a melhor nas redondezas, como dizem. Na <i>ofrenda</i> para ela, além de pães, bolos e biscoitos em formato de crânio, brancos de glacê, havia também uma miniatura de forno de tijolos com a pá para tirar as broas. Os parentes da padeira ofereciam às visitas chocolate quente e o pão doce dos mortos, feito seguindo a receita da falecida.</p>
<p>*</p> <p>Goła izdebka. Rozsadzała ją trzy poziomowa ofrenda jak piętrowy tort lub góra lodowa. Poziomy: życie ziemskie, strefa pomiędzy, niebo. Każdy z nich utopiony w barokowych obłokach lśniącej białej draperii. W amorkach i koronkach. Pośrodku ofrendy lustro pod kątem, a w nim odbicie fotografii młodego mężczyzny, poza tym niewidocznej,</p>	<p>*</p> <p>O quarto vazio. Preenchido pela <i>ofrenda</i> de três níveis como uma torta com andares ou um iceberg. Níveis: a vida terrena, o entrelugar, o céu. Todos eles afogados nas nuvens barrocas de reluzentes e brancas cortinas drapejadas. Cheios de cupidinhos e rendas. No meio da <i>ofrenda</i>, o espelho inclinado e nele o reflexo</p>

<p>ukrytej pod wyższym poziomem ołtarza. Matka mężczyzny z lustra siedziała obok. Płakała. Jednocześnie uśmiechem zapraszała wchodzących. Stał przy niej ktoś z rodziny i zwracając się do nas, wspominał jej syna. Jeszcze jedno lustro – ze słów. I lusterka łez.</p>	<p>da fotografia de um jovem, invisível fora isso, escondida sob o nível mais alto do altar. A mãe do homem do espelho estava sentada ao lado. Chorava. Ao mesmo tempo, com um sorriso, convidava as visitas. Alguém da família estava ao seu lado e, dirigindo-se a nós, relembra seu filho. Mais um espelho – de palavras. E espelinhos de lágrimas.</p>
<p>*</p>	<p>*</p>
<p>Tego roku w szklarniach gniją niesprzedane kwiaty cempasúchil.</p>	<p>Este ano nas estufas apodrecem as flores de cempasúchil não vendidas.</p>
<p>Jest coraz więcej zmarłych, a nie można im oświetlić jak należy długiej drogi z zaświatów do żyjących bliskich szlakiem usypanym z pomarańczowych płatków.</p>	<p>Há cada vez mais mortos, mas não se lhes pode devidamente iluminar o longo caminho do além-mundo para os parentes vivos com a trilha de pétalas alaranjadas.</p>
<p>Szlakiem z płatków i harmidrem żywych głosów, które gasną, stłumione przez maseczki.</p>	<p>Com a trilha de pétalas e a algazarra das vozes vivas, que se apagam, abafadas pelas máscaras.</p>
<p>Ale można na maskach wyhaftować kwiaty i na przekór beznosej – kolorowe czaszki, i motyle, które i tak wiedzą, jak trafić.</p>	<p>Mas pode-se bordar as flores nas máscaras e, para contrariar a sem-nariz, também os crânios coloridos e as borboletas que de qualquer maneira bem sabem como chegar.</p>
<p>*</p>	<p>*</p>
<p>Anna mieszka nad Jeziorem Michigan i hoduje monarchy. Imigrantka hoduje migrujące motyle: w jej ogrodzie zbierają siły na podróż. Ale najpierw są gąsienice, które jedzą liście trojeści, później pod sufitem muślinowej klatki zawisają kapsułki poczwerek, wreszcie wynurzają się motyle, pomięte jak złożone spadochrony, i mięśniami tułowia pompują sobie skrzydła.</p>	<p>Anna mora perto do Lago Michigan e cria monarcas. A imigrante cria borboletas migrantes: no seu jardim, armazenam forças para a viagem. Mas antes disso há lagartas que comem as folhas das asclepias, depois, sob o teto da jaula de musselina, as cápsulas das pupas pendem, e, enfim, emergem as borboletas, vincadas como os paraquedas dobrados, e com os músculos do tronco bombeiam suas asas.</p>

<p>Tego lata jednemu z monarchów Anna zrobiła przeszczep przedniego skrzydła: miał tylko jego strzępek i nie mógł wzbić się w powietrze. Znalazła mu dawcę, martwego motyla innego gatunku, i do trzech słonecznych monarszych skrzydeł dokleiła czwarte, czarne, bardziej szpiczaste. Była cała w nerwach jak jej pacjent. W trakcie zabiegu drżał, po czym zastygł, znieruchomiał na ponad godzinę. Kiedy już myślała, że na zawsze, wspiął jej się na rękę, zawahał się, zawrócił; spróbował jeszcze raz, i jeszcze, i nagle odleciał na nowym nocnym skrzydle.</p> <p><i>październik / listopad 2020</i></p>	<p>Neste verão, em uma das monarcas, Anna fez um transplante da asa dianteira: havia apenas um farrapo dela e a borboleta não conseguia subir nos ares. Anna lhe encontrou uma doadora, uma borboleta morta de outra espécie, e colou às três asas monárquicas solares uma quarta asa, negra e mais pontuda. Estava toda nervosa, assim como a sua paciente, que tremia durante a operação e depois ficou rija, imóvel por mais de uma hora. Quando pensou que era para sempre, a borboleta subiu em sua mão, hesitou, voltou; tentou mais uma vez, e mais uma, e de repente saiu voando com sua nova asa noturna.</p> <p><i>outubro/novembro 2020</i></p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------